



A construção do legado de Lev Vigotski: a necessidade de discussões históricas

The construction of Vigotsky legacy: the need for historical discussions

Eustáquio José de Souza Júnior

Sérgio Dias Cirino

Maria de Fátima Cardoso Gomes

Universidade Federal de Minas Gerais
Brasil

Resumo

Este trabalho tem por objetivo o estabelecimento de diretrizes para a pesquisa atual em Psicologia Histórico-Cultural por meio de uma breve revisão da trajetória percorrida por Lev Semionovich Vigotski. Considerando as implicações advindas dos períodos históricos prévio e posterior à revolução socialista, assim como os impactos provenientes de diversas vertentes da psicologia do seu tempo, sustenta-se que o incremento de abordagens históricas do processo de construção da obra do autor bielorrusso pode competir para o incremento da compreensão atual do seu pensamento, além de auxiliar no desenvolvimento de aplicações mais alinhadas com os significados originais da produção intelectual vigotskiana.

Palavras-chave: Lev Semenovich Vigotski; psicologia histórico-cultural; história e epistemologia da Psicologia

Abstract

The objective of the present work is to establish guidelines for Cultural-historical Psychology current research through a brief review of Lev Semionovich Vigotski taken trajectory. It takes into consideration implications which came from prior and post socialist revolution historical periods, as well as impacts derived from several psychology springs of his time, it is asserted that the increase in historical approaches of thinking construction process of this byelorussian author may contribute for current understanding enlargement of his thinking besides supporting the development of more aligned applications with original meanings of Vigotski intellectual production.

Keywords: Vigotski; cultural-historical psychology; history and epistemology of psychology

A realidade histórico-social da produção de Vigotski

Para compreender a sistemática que determina o curso do desenvolvimento de uma ciência faz-se necessária a consideração do contexto ideológico em que este projeto se insere. Tal trabalho explicita as forças originadas em ideologias vigentes que fornecem os elementos que norteiam a seleção dos temas abordados pelo viés científico. Quando se admite que microteorias constituam os fundamentos exclusivos das práticas científicas, admite-se também o risco de aplicações apartadas das prescrições éticas e morais vigentes. Neste caso, o que se percebe em muitas situações e em escala global, é um tipo de construção intelectual sustentada sobre teorias alheias à contextualização ideológica daquilo que se produz. Pára, portanto, sobre grande parte das práticas científicas mundiais, um certo acordo de que o pesquisador será tão mais eficaz quanto mais se debruçar sobre uma teoria em miniatura (Brožeck, 2003).

Em contraste, coexistiram e coexistem com tais situações posições distintas das anteriormente descritas. No Estado Soviético, estabelecido pela revolução de 1917, a ideologia constituída a partir de interpretações do pensamento de Karl Marx e Frederick Engels perdurou como elemento fundamental de práticas científicas durante quase todo o século XX. A propaganda oficial explicitava constantemente o posicionamento filosófico sobre o qual deveria se sustentar toda dinâmica da nova sociedade sendo estas algumas das condições históricas sob as quais as perspectivas marxistas se conformaram como



norte da maioria das indagações filosóficas e científicas do novo Estado, muito embora tenha havido notórias distorções condicionadas pelo autoritarismo.

Este é um retrato da realidade histórico-social da emergência do pensamento de Lev Semionovich Vigotski (1896-1934). Sua produção emerge dos percalços de uma trajetória que é uma síntese do seu testemunho ocular de massacres e perseguições direcionados à comunidade judaica da qual era membro, assim como as consequências advindas dos impactos sociais da Primeira Grande Guerra e das ocupações alemãs e ucranianas do território russo. Vigotski presenciou um momento histórico que exigiu a sua implicação intelectual em tarefas que pudessem contribuir para a resolução dos graves problemas que surgiram em decorrência da Revolução de Outubro. Naquele período, dois milhões de cidadãos russos fugiram do país ou foram exilados, deixando em aberto numerosos postos de trabalho fundamentais à organização da nova conjuntura estatal. Para estes cargos, havia poucos candidatos remanescentes que reuniam condições necessárias para o provimento das demandas sociais de um país que imerso num conturbado processo de transição política (Van Der Veer, 2007, p. 23).

Para Vigotski, o decurso da efervescência política no início do século XX foi também um período de grande contato com a cena cultural soviética. Foi contemporâneo de vários autores que deram importantes contribuições à literatura mundial, dentre eles Babel, Gorky, Belyj, Blok, Esenin, dentre outros dignos de nota. Na música eram destaque as composições de Prokofiev, Shostakovich, Stravinsky, etc. Nas artes plásticas Kandinsky e Malevich eram exemplos da vanguarda russa. Teve também a oportunidade de se inserir ativamente em movimentos artísticos ao procurar levar para Gomel as melhores companhias teatrais em atividade no Rússia. (Van Der Veer, 2007). Esta trajetória perpassada pelas artes foi percorrida antes da sua inserção formal nos meandros das discussões psicológicas. Tudo indica que a atuação de Vigotski num ambiente cultural multifacetado foi decisiva para a formação do seu pensamento crítico (Van Der Veer, 2007). A gradual transição de interesses que levaram Vigotski a contemplar também os debates críticos da psicologia parece ter consistido num movimento pessoal que visava dar respostas às demandas sociais prementes de uma sociedade que almejava um novo status na comunidade mundial.

À luz destes elementos biográficos de Lev Vigotski é possível hipotetizar que a sua meteórica passagem pela história da psicologia também componha o complexo conjunto de fatores responsáveis pelo crescente interesse que este autor permanece despertando nos dias atuais (Blanck, 2003). Tal fato implica em pelo menos duas consequências importantes: a primeira se refere a um aumento real dos estudos acerca das proposições histórico-culturais no Brasil, a segunda remete ao fato de que nem sempre o grande alcance acadêmico ou popular de uma obra proporciona avanços na compreensão das suas proposições (Freitas, 2004). Exemplos de incorreções são notórios e numerosos na historiografia geral e, inclusive, no próprio âmbito científico.

O caráter ahistórico e fragmentário, presente nas análises sugeridas pelas principais correntes psicológicas do seu tempo, foi aspecto destacado e criticado por Vigotski ao longo da sua obra. Em *O significado histórico da crise da psicologia* (Vigotski 1927/1991) o autor opina acerca das tentativas até então existentes de estabelecimento de uma psicologia geral.

Estes destinos tão semelhantes como quatro gotas da mesma chuva, conduzem as idéias por um mesmo caminho. (...) Cada uma destas idéias é, no seu respectivo lugar, extraordinariamente rica quanto ao seu conteúdo, é plena em significado, sentido e valor, sendo frutífera. Mas quando as idéias se elevam ao patamar das leis universais todas passam a ter o mesmo valor, são absolutamente iguais entre si (...); a individualidade de Stern é para Bechterew um complexo de reflexos, para Wertheimer uma Gestalt e para Freud sexualidade. (p. 276, Tradução do autor.)



A Psicanálise, Psicologia da Gestalt e o Behaviorismo Watsoniano, do ponto de vista de Vigotski, não haviam reunido as condições necessárias para se consolidarem como conjuntos de proposições gerais de psicologia. Suas produções, fundamentadas em princípios filosóficos distintos, teriam suas validades circunscritas a proposições teóricas ou práticas, aplicáveis apenas no interior dos seus respectivos centros semânticos. Para ele, aquelas vertentes de interpretação da vida psíquica eram consideravelmente limitadas quando faziam menção a fenômenos complexos como a linguagem, o pensamento e a consciência. Na obra inicial do epistemólogo suíço Jean Piaget, Vigotski apontou a marca de uma "aguda contradição entre a matéria factual da ciência e suas premissas metodológicas e teóricas" (Vigotski, 1934/2005, p. 12). A fonte desta contradição residiria justamente nas origens epistemológicas de cada uma daquelas perspectivas psicológicas que se digladiariam num continuum entre extremos que iam do idealismo até o materialismo fisiológico. No contexto das idas e vindas das discussões sobre as diferenças e interseções entre a aprendizagem e o desenvolvimento humano observa-se, ainda hoje, uma oscilação "entre o objetivismo e o subjetivismo, ora enfatizando os fatores externos ao desenvolvimento e à aprendizagem, ora enfatizando os fatores internos ao desenvolvimento e à aprendizagem" (Gomes, 2002, p. 38). Já na década de 1920, Vigotski parecia considerar que tal fato se situava na contra-mão das inúmeras expectativas que se apresentavam para o campo da psicologia, principalmente no contexto das necessidades emergentes no novo Estado Soviético. Para ele

o aprendizado não é desenvolvimento; entretanto, o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer. Assim, o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas. (Vygotzky, 1989, p. 101)

Assim como o problema do embate entre proposições objetivistas e subjetivistas nos processos de desenvolvimento e de aprendizagem, ele considerou a falta de um sistema único de psicologia como um importante empecilho para o desenvolvimento dos estudos da área e, por isso, considerava a Psicologia uma área do conhecimento a ocupar o centro de uma crise epistemológica (Vygotzky, 1927/1991). Não obstante, é claro o reconhecimento de Vigotski das contribuições trazidas pelos seus contemporâneos behavioristas, gestaltistas e psicanalistas, mesmo quando divergia das suas formas de produção de conhecimento. Há, inclusive, elementos derivados destas tendências teóricas relatados em diversos momentos da sua obra (Silva, 2005).

Como alternativa ao negativo prognóstico estabelecido por Vigotski para o futuro de uma Psicologia que permanecesse apartada de questionamentos metateóricos, o psicólogo bielorusso propôs o início da construção de um sistema psicológico abrangente e declaradamente sedimentado sobre o referencial filosófico marxista. Desta filosofia a psicologia herdaria os conceitos fundamentais de historicidade e cultura (Sirgado, 2000), embora se encontrem poucas referências explicativas do próprio Vigotski sobre sua definição de cultura. O que aparece com destaque em vários momentos da sua obra é o empenho num projeto que visava o estabelecimento de uma psicologia marxista, alheia às tentativas de aplicação direta da dialética materialista à psicologia, como o explicitado na passagem a seguir.

(...) a única aplicação legítima do marxismo em psicologia seria a criação de uma psicologia geral cujos conceitos se formulem em dependência direta da dialética geral, uma vez que esta psicologia não seria nada além da dialética da psicologia; toda aplicação do marxismo à psicologia por outras vias, ou a partir de outros pressupostos, alheios a estas considerações, conduzirá inevitavelmente a construções escolásticas



ou verbalistas e a dialética se descaracterizará por meio de inventários e testes; a racionalizações acerca de fenômenos fundamentadas em traços externos causais e secundários; à perda total do critério objetivo e à tendência de uma negação dos aspectos históricos inerentes ao desenvolvimento da psicologia; a uma revolução terminológica, simplesmente. Em síntese, a uma grotesca deformação tanto do marxismo quanto da psicologia. (Vygotski, 1934/1991, p. 388, Tradução do autor.)

A afiliação filosófica de Vigotski ao marxismo foi um obstáculo à introdução do seu trabalho no ocidente. O contato com aquilo que se produziu a respeito de Vigotski em traduções ou em fontes históricas de segunda mão é tarefa que requer especial atenção, uma vez que é possível colocar em questão a qualidade do material disponível no Brasil até meados dos anos 90 (Duarte, 2004). O fato é que esta bibliografia compõe o referencial de inúmeros estudos que abordam a Teoria Histórico-cultural no Brasil. É provável que este seja um dos motivos que levaram a apropriações discutíveis de muitos dos conceitos criados no cerne da obra vigotskiana. (Van Der Veer & Valsiner, 2001). Ademais, o acesso ocidental às produções científicas e filosóficas soviéticas se deu mediante a interferências explícitas de manobras políticas e ideológicas oriundas da ideologia comunista e do capitalismo ocidental, durante o período histórico conhecido como *Guerra Fria*. Este é um ponto de importância tendo em vista que houve percalços não somente na imigração do trabalho de Vigotski para o ocidente, via Estados Unidos da América, mas também no interior da própria União Soviética em dois momentos distintos: o primeiro quando da censura de 1936 a 1956 e o segundo quando do lançamento das *Obras Escolhidas* na década de 1980. Mesmo depois do fim do stalinismo o acesso às obras de Vigotski ainda permaneceu difícil. No período de “desestalinização” foram publicadas edições da obra vigotskiana que pudessem depor contra o recente passado stalinista. A publicação das *Obras Escolhidas* só ocorreria entre 1982 e 1984, por meio de uma editora estatal soviética secundária, a *Piedagougika*. A tiragem da coletânea foi limitada e apresentava significativas omissões (Blanck, 2003). A política de abertura do estado soviético e a subsequente dissolução do país fizeram com que os trabalhos de Vigotski permanecessem alvos de restrições extra-oficiais tácitas, agora devidas à orientação marxista do seu pensamento. Foi somente no final dos anos noventa que surgiram esforços mais sistemáticos no intuito da realização de traduções do russo para o português (Delari Junior, 2000). Como exemplos apontam-se os trabalhos de Paulo Bezerra nas traduções de *Psicologia da Arte* e *A Construção do Pensamento e da Linguagem*.

De forma recorrente a literatura acadêmica narra que Vigotski foi um psicólogo provinciano evolutivo e educacional que surgiu para o mundo em 1924 ao proferir uma palestra hipnótica em Petrogrado. O conteúdo daquela apresentação tratava de questões relacionadas à esterilidade dos estudos da psicologia em vigor nos âmbitos soviético e ocidental. Sua crítica e propostas para renovação do campo de estudos teriam então proporcionado o seu ingresso no Instituto de Psicologia Experimental de Moscou onde, em dez anos, produziu uma vasta obra que teve o seu curso interrompido pelo falecimento precoce em 1934.

Para biógrafos como René Van der Veer e Jaan Valsiner (2001), autores que tiveram acesso a documentos inéditos dos arquivos da família de Vigotski, um olhar mais cuidadoso sobre textos do autor e outras fontes que apontam para a trajetória de Vigotski coloca este tipo de narrativa sob questão, dada a não correspondência destes trabalhos com fatos de relevância conhecidos do percurso do autor. É sabido que sua produção começa quando era professor secundarista e crítico literário na província russa de Gomel. Sua sólida formação intelectual e os interesses científico, artístico e filosófico, compõem indicativos da dimensão dos seus interesses. No período de 1917 a 1924¹, Vigotski ocupou diversos postos nos círculos sociais de Gomel “tornando-se um de seus líderes culturais mais destacados” (Van Der Veer & Valsiner, 2001, p. 21). Além disso,



sobre o seu interesse pelas artes, sabe-se que Vigotski escreveu vários roteiros teatrais e mantinha estreito contato com atores, diretores e outros membros da cena artística de Gomel. Inclusive, como observaram Van der Veer e Valsiner (2001), as primeiras análises de cunho psicológico do autor surgem entre os anos de 1922 e 1925, demonstrando que sua inserção nas questões da psicologia se deu a partir do seu trânsito inicial no campo das artes. O emblema do cruzamento dos interesses artísticos e psicológicos é o livro *Psicologia da Arte* de 1926, no qual Vigotski retoma uma análise literária de Hamlet, que fora um dos seus primeiros trabalhos redigido em 1916. Para a presente análise destaca-se o fato de que os trabalhos de 1916 e 1924, em conjunto com a intensa atividade social de Vigotski no período, sugerem que sua figura já alcançara notável projeção social, em contraste com as narrativas históricas que apontam a palestra proferida no *Segundo Congresso Neuropsicológico em Petrogrado* como a principal responsável pela sua inserção no âmbito acadêmico moscovita.

Somente em publicações recentes há uma preocupação maior com a contextualização histórica da produção de Vigotski, relacionando-a com aspectos sociais e científicos vigentes na Rússia durante a virada para o século XX (Van Der Veer, 2007). Diante destas constatações pode-se concluir que ainda se fazem necessárias investigações das condições históricas nas quais Vigotski produziu sua Psicologia Histórico-cultural, no intuito de clarificar aspectos relativos à construção das suas proposições entremeio aos percalços da trajetória pessoal do autor. Parafraseando o professor Pavel Blonsky, Vigotski escreveu que a psicologia contemporânea pode ser compreendida somente como a história dessa psicologia (Vigotski, 1998b, p. 86). Tomando-se esta afirmação como um postulado, entende-se que o mesmo critério deve ser aplicado à sua proposta de psicologia. Se ainda tomar-se como referência que "A história não é imparcial; é altamente e inevitavelmente seletiva" (Wertheimer, 1976, p. 05) e que é por isso que "Não existe nada que seja 'a' história de coisa alguma" (Idem, p. 07) é necessário cautela na delimitação das variáveis abordadas num estudo que pretenda lidar com dados históricos para que se minimizem distorções descritivas que um olhar seletivo possa trazer.

Em muitas fontes presentes na literatura sempre se encontram histórias escritas de acordo com as necessidades ideológicas do tempo em que são concebidas. É a consciência da ocorrência do fenômeno da apropriação interpretativa sobre o documental disponível que conota cautela às análises historiográficas. Michel Foucault adverte sobre a natureza do documental histórico.

O documento não é o feliz instrumento de uma história que seria em si mesma e de pleno direito, memória; a história é para uma sociedade, uma certa maneira de dar status e elaboração à massa documental de que ela não se separa. (1995, p. 7)

Portanto, é importante levar em conta as determinantes das divergências constatadas em diversas versões consultadas ao longo de um trabalho investigativo, com o objetivo de que se construam considerações que correspondam em maior medida aos fatos históricos relacionados à trajetória de Vigotski.

O recurso à história geral e à história da ciência devem ser frequentes em explorações científicas, tendo em vista a minimização de distorções interpretativas inevitáveis. A obra de Vigotski recomenda este tipo de abordagem para problemáticas científicas em geral (ver Vygotsky & Luria, 1996). A emergência da Teoria Histórico-Cultural teve como uma de suas bases e assumiu como aspecto distintivo o pensamento histórico com suas vicissitudes (Sirgado, 2000). Esta característica marcante é um dos temas centrais do texto *Manuscrito de 1929*, redigido por Vigotski e com tradução publicada no Brasil no ano 2000.

A palavra história (psicologia histórica) para mim significa duas coisas: 1) abordagem geral das coisas – neste sentido qualquer coisa tem sua história, neste sentido Marx: uma ciência a história; (...) ciências naturais = história da natureza, história natural; 2)



história no próprio sentido, isto é, a história do homem. Primeira história – materialismo dialético, a segunda – materialismo histórico. As funções superiores, diferentemente das inferiores, no seu desenvolvimento, são subordinadas às regularidades históricas (...). Toda peculiaridade do psiquismo do homem está em que nele são unidas (síntese) uma e outra história (evolução + história). (p. 23)

Fortalecendo a posição de que a abordagem histórica é essencial à credibilidade do conhecimento científico, podem-se citar alguns exemplos de incorreções que só uma investigação atenta aos impactos dos elementos históricos pôde desvelar na trajetória da Psicologia Histórico-Cultural. O livro *Pensamento e Linguagem*, por exemplo, é uma publicação que, segundo o levantamento de Freitas (2004), é referência de 38% dos estudos que se valem da teoria de Vigotski em pesquisas brasileiras apresentadas nas reuniões da *Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Educação* de 1998 à 2003. O fato que requer especial atenção é que as edições brasileiras do volume, publicadas entre 1987 e 2003, são baseadas numa tradução norte-americana do original em russo. Desta versão, foram retirados trechos que pudessem dar ao texto qualquer conotação marxista. De 337 páginas presentes na tradução espanhola das Obras Escolhidas, a edição brasileira de 2005 apresenta 194.

A psicologia histórico-cultural

Desde os momentos iniciais da sua vida Vigotski foi um homem ocupado pelas questões da educação. Relata-se que aos quinze anos de idade ele era conhecido como “o pequeno professor” devido à sua erudição e perspicácia pedagógica. Esta vocação didática permaneceria presente em toda a sua obra posterior (Blanck, 1996). “Vigotski considerava a educação não apenas central para o desenvolvimento cognitivo, mas a quintessência da atividade cultural” (Moll, 1996, p. 3). Do ponto de vista do seu sistema de psicologia, a organização social do processo instrucional é o caminho a ser trilhado por todo educador, seja ele um professor ou qualquer pessoa do convívio infantil, pois é a partir das situações sociais que se sedimentam todas as atividades psicológicas superiores (Vigotski, 1989). Nesta perspectiva, o pensamento de Vigotski se mostra em diálogo com a filosofia de Engels, uma vez que ele entendia que a formação dos processos psicológicos requer o uso de um instrumental simbólico que se interpõe entre o indivíduo e o meio. Este fenômeno foi denominado mediação semiótica na Psicologia Histórico-cultural. A sofisticação das relações mediadas física e, principalmente, simbolicamente, dependem do processo educacional experienciado pelo sujeito da cultura. Vigotski salientou que o desenvolvimento dos processos cognitivos se delinea no cerne das relações que a criança estabelece com o seu meio cultural (Vigotski, 1998a) Neste sentido, o conceito de zona de desenvolvimento proximal² é uma síntese da relação de dependência existente entre o desenvolvimento psicológico e os elementos sócio-culturais presentes no entorno individual. Tais recursos incluem o convívio social geral e a relação didática planejada que a criança mantém com o professor. A partir deste desenho fundamental Vigotski desenvolveu trabalhos aplicados no campo educacional, cujos exemplos são os vários artigos da área da pedagogia e o livro *Psicologia Pedagógica*.

Sobre o valor contemporâneo do trabalho de Vigotski constata-se a influência do seu pensamento na área da educação em âmbito mundial. O elevado volume de publicações científicas destinadas ao exercício docente é uma evidência marcante desta importância (Freitas, 2004). A aplicação da produção histórico-cultural se faz presente em campos de aplicação que vão desde a formação docente e a educação especial até o apoio a adolescentes em situação de risco social, dentre outros (Peres, 2004; Sebastiani, 2004). A diversidade de aplicações das proposições histórico-culturais e o considerável volume de referências e publicações brasileiras sobre o autor são alguns dos indicadores que competem para sustentar propostas de exploração de aspectos fundamentais da obra de



Vigotski não somente naquilo em que se relaciona aos campos da Psicologia e da Educação, mas também em todas as outras áreas em que seu legado se fez presente.

A Psicologia Histórico-Cultural parece ter sido sistematicamente apresentada pela primeira vez por Vigotski e Luria em 1928. O texto *Pedologia* introduzia diversos conceitos-chave da abordagem Histórico-Cultural aplicados ao desenvolvimento cognitivo infantil. Os achados científicos expostos no texto também seriam apresentados posteriormente sob a forma de dois livros: as publicações *O Comportamento dos Animais e do Homem* e *Estudos Sobre a História do Comportamento: o Macaco, o Primitivo e a Criança*. No Brasil, a editora Artmed publicou em 1996 uma edição do livro *Estudos Sobre a História do Comportamento*. O texto foi escrito em parceria com Luria e foi originalmente publicado em 1930, não havendo republicações em língua russa devido ao caráter polêmico do seu conteúdo que procurava estabelecer analogias entre o desenvolvimento biológico, aspectos antropológicos em interface com o estabelecimento de processos cognitivos.

O materialismo e o positivismo consistiam nas bases dos modelos explicativos do comportamento bastante disseminados na cultura da virada para o século XX. Naquele período o darwinismo era outra vigorosa perspectiva aplicada às tentativas de dissolução dos mais diversos problemas da ciência da era moderna. Além destas, outros referenciais também são encontrados na psicologia vigotskiana tal como as obras dos psicólogos gestaltistas Wolfgang Köhler, Max Wertheimer e Kurt Kofka. A etnografia de Lucien Lévy-Bruhl contribuiu para a consolidação dos pressupostos histórico-culturais no concernente às suas heranças da antropologia. Podem-se tomar estes personagens como alguns dos referenciais presentes em textos de Vigotski, embora não se possa creditar a eles o papel de bases absolutas da proposta vigotskiana, dada as omissões inevitáveis e o estilo difuso da sua escrita. Tendo em vista esta marca da obra de Vigotski, Wertsch (1996) aponta três grandes eixos temáticos dos trabalhos do autor:

- (a) o uso de um método genético, ou de desenvolvimento;
- (b) a afirmação de que o funcionamento mental superior do indivíduo provém de processos sociais;
- e (c) a afirmação de que os processos sociais e psicológicos humanos são moldados fundamentalmente por ferramentas sociais, ou formas de mediação. (p. 9)

A análise de aspectos relativos à gênese dos processos psicológicos indica que Vigotski considerou o curso do desenvolvimento humano como produto da interação de quatro planos fundamentais: a *filogênese*, que consiste na herança genética dos indivíduos de uma determinada espécie. Ela confere à espécie base biológica que é refletida no desenrolar da *ontogênese*. Esta consiste no desenvolvimento do indivíduo de uma dada espécie animal ao longo do seu ciclo vital. A *sociogênese* é a experiência com os produtos de uma determinada cultura, aspecto que implica numa homogeneização determinística das sociedades humanas, uma vez que todos os indivíduos de uma certa comunidade cultural estão expostos às mesmas contingências culturais. Por fim, a *microgênese*, se atém aos processos de aprendizagem pontuais e idiossincráticos que são os focos de convergência dos outros três planos e se complementam ao longo do desenvolvimento humano. Esta é a porta para o não determinismo na Teoria Histórico-Cultural, pois os outros três âmbitos genéticos, em suas definições, trazem a marca dos determinismos biológico ou social. Eventos que podem ser considerados pertinentes ao plano microgenético seriam a aprendizagem do uso de um lápis para colorir uma figura ou o desenvolvimento da capacidade de usar uma determinada palavra articulada no contexto de uma frase, assim como quaisquer outros eventos que levem à reestruturação de processos psicológicos já estabelecidos. Segundo Góes (2000), as questões colocadas pelo advento do conceito de *microgênese* na Teoria Histórico-Cultural exerceram impacto sobre a própria metodologia investigativa dos estudos histórico-culturais. A aplicabilidade do conceito à pesquisa e a sua adequação à tese fundamental de Vigotski de que o sujeito cognoscente tem sua gênese nas relações mantidas com a cultura reforçam a



ênfase de que as análises histórico-culturais devem se concentrar sobre a dinâmica inerente às relações sociais ao longo do ciclo vital.

A unidade microanalítica da Teoria Histórico-Cultural afasta-se da racionalidade elementarista da matriz associacionista. A sua definição preconiza análises que recorram a *unidades* ao invés de *elementos*. Estas unidades microanalíticas englobam as determinantes *filogenéticas*, *ontogenéticas* e *sociogenéticas*, preservando todas as propriedades das origens do fenômeno psicológico que se pretende compreender. A análise microgenética pode ser sintetizada como se segue:

(...) essa análise não é *micro* porque se refere à curta duração dos eventos, mas sim por ser orientada para minúcias indiciais – daí resulta a necessidade de recortes num tempo que tende a ser restrito. É genética no sentido de ser histórica, por focalizar o movimento durante processos e relacionar condições passadas e presentes, tentando explorar aquilo que, no presente, está impregnado de projeção futura. É genética, como sociogenética, por buscar relacionar os eventos singulares com outros planos da cultura, das práticas sociais, dos discursos circulantes, das esferas institucionais (Góes, 2000, p. 15).

Sobre a metodologia adotada nas investigações histórico-culturais são apontados dois trabalhos de relevância acerca do tema. O primeiro, contido no livro *A História do Desenvolvimento das Funções Psíquicas Superiores*, descreve os procedimentos delineados por Vigotski ao mesmo tempo em que expõe uma contrapartida crítica às metodologias em uso nos âmbitos behavioristas, wundtianos e gestaltistas. Nesta mesma linha de ação, o texto *O Método Instrumental em Psicologia*, contribui para a compreensão daquilo que chamou de *Técnica Funcional da Dupla Estimulação* (Vigotski, 1930/1998a). O método consistia na utilização de estímulos auxiliares no entorno de uma situação problemática para que o sujeito experimental os utilizasse no processo de dissolução. Estes estímulos poderiam assumir a forma de signos (instrumentos intrapsíquicos) ou instrumentos físicos. Estes, ao serem incluídos ativamente na solução da questão experimental, exerceriam o papel de recursos que levariam à reorganização, não somente o mundo externo por intermédio da ação física, mas também, da reestruturação da dinâmica psíquica que ascenderia a um patamar de desenvolvimento qualitativamente distinto daquele que o precedeu.

O estudo das funções psicológicas superiores era tema evitado pelos psicólogos norte-americanos alinhados ao behaviorismo, assim como por aqueles afiliados à vertente experimentalista do trabalho de Wilhelm Wundt. O argumento para isso residia na natureza supostamente inacessível do objeto por meio da metodologia experimental. Além disso, Vigotski considerou os estudos de tempo de reação, os estudos descritivos das sensações conscientes e a produção comportamentalista como perspectivas ocupadas do estudo de reações complexas "post-mortem" (Vigotski, 1930/1998b p. 90). Vigotski entendia que aquelas perspectivas não se ocupavam do fenômeno *em* emergência e do desenvolvimento histórico das funções psicológicas, mas sim, atinham-se às formas descontextualizadas da sua ocorrência. É a estas perspectivas que a abordagem vigotskiana emerge propondo uma teoria interpretativa e um método para a obtenção de dados sobre o desenvolvimento.

A breve descrição do método vigotskiano exposto neste trabalho alinha-se com a sua concepção de funcionamento psicológico como fenômeno humano, originado nas relações mantidas com o mundo em seus âmbitos físico e da cultura. As condições artificiais, comezinhas no método experimental e também no *Método Funcional da Estimulação Dupla*, procuram estabelecer relações entre a história do estabelecimento de uma função psíquica com o uso de instrumentos provenientes da cultura ou com o uso de signos (Vigotski, 1998a). É por meio da manipulação de instrumentos objetivos que um indivíduo pode realizar transformações no seu meio físico. Da mesma forma, é por meio do uso de signos que decorrem mudanças significativas das funções psicológicas



superiores. Este é um ponto de destaque, pois, na abordagem Histórico-Cultural, apesar de exercerem a função de instrumental destinado à promoção de mudanças, instrumento e signo designam objetos de naturezas distintas e promoverem mudanças qualitativamente diferentes, muito embora estabeleçam um vínculo dialético que possibilita a sofisticação tanto de um quanto do outro (Vigotsky, 1927/1991). Atribui-se "à atividade simbólica uma função organizadora específica que invade o processo do uso de instrumentos e produz formas fundamentalmente novas de comportamento" (Vigotsky, 1927/1991, p. 32).

A constatação de que o signo é aprendido por meio de situações de convívio social passando a sofrer apropriações inerentes ao processo de transição dos processos culturais do meio intersíquico para o intrapsíquico, está em harmonia com o postulado vigotskiano de que a gênese das funções psicológicas superiores reside na história da cultura humana. É neste sentido que indivíduo e ambiente assumem o papel de agentes interdependentes na conformação do sujeito psicológico. Eles interagem, modificam-se mutuamente e estabelecem uma espiral ascendente que sofisticava o desenvolvimento psicológico a cada nova atividade no meio social (Van Der Veer, 2007). Um objeto do mundo objetivo será percebido diferentemente por uma mesma criança em diferentes momentos do seu desenvolvimento psicossocial. Esta idéia pode ilustrar a concepção de que o ambiente não é, absolutamente, um agente que desempenhará um mesmo papel para crianças diferentes, assim como para uma mesma criança em momentos distintos do seu desenvolvimento. A constituição histórica de um indivíduo, inscrita no decurso do desenvolvimento dos seus processos cognitivos tornam o sujeito psicológico alguém diferente na medida em que se sucedem os diversos momentos do processo de constituição concomitante e recíproca dos ambientes físico e social, além do sujeito psicológico que deles não pode se desvincular.

A construção de novos olhares sobre Vigotski

Diferentes tempos históricos fomentam o aparecimento de diferentes demandas sociais. Na contemporaneidade encontra-se uma situação que se impõe e traz novas indagações que fomentam olhares originais sobre muitos legados intelectuais. As heranças autorais sempre sofrerão apropriações que modificarão com maior ou menor violência a sua significação original (Foucault, 2000). No caso da contribuição de Vigotski, as suas indagações como teórico do desenvolvimento, como epistemólogo ou como metodólogo da Psicologia, apontam para o seu envolvimento numa complexa rede social, decisiva para a emergência das suas proposições. Ao colocar em perspectiva o movimento atual da pesquisa brasileira fundamentada no pensamento vigotskiano encontram-se investigações que procuram identificar as relações entre Vigotski e seus contemporâneos (Beatón, 2005; Kozulin, 1999), outras ocupadas do impacto do seu pensamento sobre movimentos educacionais históricos (Silva, 2005), reflexões sobre a metodologia utilizada em pesquisas de Vigotski e sua relevância atual (Zanella, Reis, Titon, Urnau, & Dassoler, 2007), a possibilidade de abordagens clínicas psicoterápicas calcadas nos princípios histórico-culturais (Aires, 2006), além de vários trabalhos destinados ao refinamento conceitual da compreensão de conceitos filosóficos e teóricos presentes na obra de Vigotski (Toassa, 2006). Estes são indicativos da multiplicidade de olhares envolvidos nas apropriações de um trabalho que começou a ser elaborado há quase oitenta anos. É por isso que esta revisão da trajetória deste pensador questionador da cultura do seu tempo reconhece na abordagem histórica uma prolífica fonte de subsídios para o estabelecimento de novas apropriações que possam ampliar as aplicações atuais da Psicologia Histórico-Cultural. Ao mesmo tempo, esta incursão pretende contribuir para uma maior ciência dos pesquisadores contemporâneos acerca das vozes sintetizadas dialeticamente pelo discurso de Lev Vigotski.

Para o incentivo de novos olhares sobre o trabalho de Lev Vigotski o caminho parece sinuoso. Não estão disponíveis traduções brasileiras do texto integral das *Obras Escolhidas de Vigotski* realizadas a partir do idioma original. É digno de nota que a barreira da língua ainda é obstáculo para a maioria dos pesquisadores brasileiros ocupados de aspectos conceituais e aplicados da Teoria Histórico-Cultural. Resta o uso de



material traduzido de qualidade questionável (Freitas, 2004), assim como o recurso a biografias escritas por autores estrangeiros que tiveram a oportunidade de acessar textos originais, dentre outras fontes de primeira mão.

Cabe então indagar sobre as demandas futuras passíveis de análises histórico-culturais, assim como o posicionamento da comunidade científica na produção de instrumental para aplicações do legado de Vigotski. A dinâmica social continuará o seu curso exigindo respostas da ciência. A qualidade destas respostas deve ser avaliada partindo da compreensão das condicionantes ideológicas vigentes nos momentos em que são dadas respostas a questões de interesse da sociedade. Espera-se que esta reflexão possa consistir numa modesta expressão de questões que mobilizem aqueles que fitam o horizonte deixado pelo trabalho de Vigotski. Um trabalho que deixou portas abertas para reflexões futuras e que dependerá daquilo que se realizar no momento presente.

Referências

- Aires, J. M. Q. (2006). A abordagem sócio-histórica na psicoterapia com adultos. *Psicologia para America Latina*, 5. Retirado em 12/03/2009, da World Wide Web http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2006000100009&lng=es&nrm=
- Beatón, G. A. (2005). Un intento de sistematización de los planteamientos esenciales del enfoque histórico-cultural en sus inicios. *Psicología: teoría e práctica*, 7(2), 11-48.
- Bezerra, P. (2001). Prefácio à edição brasileira. Em L. S. Vigotski, *Psicologia da arte*. São Paulo: Martins Fontes (Original de 1925).
- Blanck, G. (1996). Vygotsky: o homem e a sua casa. Em L. C. Moll, *Vygotsky e a educação* (F. A. Tesseler, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1990)
- Blanck, G. (2003). Prefácio. Em L. S. Vigotski, *Psicologia pedagógica* (C. Shilling, Trad., pp. 15-32). Porto Alegre: Artmed. (Original publicado em 1926)
- Brožek, J. (2003). Psicologia soviética. Em M. H. Marx & W. A. Hillix (Org.), *Sistemas e teorias em psicologia* (pp. 655-687). São Paulo: Cultrix. (Original publicado em 1963)
- Delari Junior, A. (2000). *Consciência e linguagem em Vigotski: aproximações ao debate sobre a subjetividade*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Educação, Unicamp, Campinas.
- Duarte, N. (2004). *Vigotski e o aprender a aprender: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana*. Campinas: Autores Associados.
- Freitas, M. T. A. (2004). O pensamento de Vygotsky nas reuniões da Anped (1998-2003). *Educação e pesquisa*, 30(1), 109-135.
- Foucault, M. (1995). *Arqueologia do saber* (L. F. B. Neves, Trad.). Rio de Janeiro: Forense. (Original publicado em 1969)
- Foucault, M. (2000). Um diálogo sobre os prazeres do sexo: Freud, Nietzsche e Marx. Em M. Foucault, *Theatrum Philosophicum*. (pp. 47-62) São Paulo: Landy Editora.
- Góes, M. C. R. (2000). A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. *Cadernos Cedes*, 50, 09-25.



- Gomes, M. F. C. (2002). Relações entre desenvolvimento e aprendizagem: conseqüências na sala de aula. *Presença pedagógica*, 45(8), 35-49.
- Kozulin, A. (1999). *Vygotsky's psychology: a biography of ideas*. New York: Harvard University Press.
- Moll, L. C. (1996). Introdução. Em L. C. Moll, *Vygotsky e a educação* (F. A. Tesseler, Trad., pp. 03-27). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1990)
- Peres, R. C. N. C. (2004). O lúdico no desenvolvimento da criança com paralisia cerebral espástica. *Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano*, 14(3), 37-49.
- Sebastiani, R. W. (2004). *O adolescente em situação de risco social: uma intervenção para promoção da saúde*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Silva, D. L. (2005). Piaget, Vygotsky, Wallon: a construção da psicologia da educação na perspectiva escolanovista: aproximações. *Boletim do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff*, 18, 73-86.
- Sirgado, A. P. (2000). O social e o cultural na obra de Vigotski. *Educação e sociedade*, 21(71), 45-78.
- Toassa, G. (2006). O conceito de consciência em Vigotski. *Psicologia USP*, 17(2), 59-83.
- Van Der Veer, R. V. D. (2007). Vygotsky in context: 1900-1935. Em H. Daniels; M. Cole & J. V. Wertsch, *The Cambridge Companion to Vygotsky* (pp. 21-49). New York: Cambridge University Press.
- Van Der Veer, R. V. D. & Valsiner, J. (2001). *Vygotsky: uma síntese* (C. C. Bart, Trad.). São Paulo: Loyola. (Original publicado em 1991).
- Vigotski, L. S. (2005). *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1934).
- Vygotsky, L. S. (1989). *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores* (M. Cole; J. Cipolla Neto; L. S. M. Barreto & S. C Afeche, Trans.). São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotski, L. S. (1991). El significado histórico de la crisis de la psicología: una investigación metodológica. Em L. S. Vygotski, *Obras escogidas* (Tomo 1, pp. 259-413). Madrid: Visor MEC. (Original publicado em 1927).
- Vygotsky, L. S. & Luria, A. R. (1996). *Estudos sobre a história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1930).
- Vigotski, L. S. (1998a). O instrumento e o símbolo no desenvolvimento da criança. Em L. S. Vigotski, *A formação social da mente*. (pp. 25-40) São Paulo: Martins Fontes. (Original de 1930)
- Vigotski, L. S. (1998b). Problemas de método. Em L. S. Vygotski, *A formação social da mente* (pp. 77-99). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1930).



Vigotski, L. S. (2000). Manuscrito de 1929. *Educação e sociedade*, 71, 21-44. (Original publicado em 1929)

Wertheimer, M. (1976). *Pequena história da psicologia* (L. L. Oliveira, Trad.). São Paulo: Companhia Editora Nacional. (Original publicado em 1970)

Wertsch, J. V. (1996). Apresentação. Em L. S. Vygotski & A. R. Luria, *Estudos sobre a história do comportamento: O macaco, o primitivo e a criança*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Zanella, A. V.; Reis, A. C.; Titon, A. P.; Urnau, L. C. & Dassoler, T. R. (2007). Questões de método em textos de Vigotski: Contribuições à pesquisa em psicologia. *Psicologia & sociedade*, 19(2), 25-33.

Notas

1) Embora praticamente não exista produção conhecida neste intervalo, o fato de Vigotski publicar quatro resenhas literárias em 1916 e pelo menos nove em 1924, fazem supor que parte do que foi produzido no período ainda é desconhecida. Supõe-se que questões políticas como a relação de Vigotski com não-bolcheviques, dada a presença de publicações dele em periódicos judaicos, além da possibilidade de perdas documentais causadas pelos conflitos armados da guerra civil e da ocupação alemã tenham dificultado o acesso aos manuscritos existentes (Van Der Veer & Valsiner, 2001).

2) Para Bezerra (1999) o termo *proximal* não é a melhor tradução para *blijáichee*, a palavra utilizada nos originais por Vigotski. O termo mais condizente seria *zona de desenvolvimento imediato*. Segundo Bezerra a capacidade de resolver problemas que necessitariam das ajudas do professor ou de outras crianças definem o termo e é a medida dinâmica do desenvolvimento intelectual e da aprendizagem. Duarte (2004) aponta que a tradução de Bezerra confunde o conceito de *zona de desenvolvimento proximal* com o que Vigotski chamou *nível de desenvolvimento atual*. Para Duarte "a zona de desenvolvimento próximo é constituída por aquilo que a criança (...) não faz sozinha, mas pode realizar com a ajuda de outros, inclusive e principalmente do professor." (Duarte, 2004, prefácio à segunda edição) Vygotsky (1989, p. 97) definiu o conceito como "a distância entre o nível de desenvolvimento que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou de companheiros mais capazes."

Nota sobre os autores

Eustáquio José de Souza Júnior é psicólogo e mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. É docente das disciplinas Análise Experimental do Comportamento, História da Psicologia e Técnicas Psicoterápicas da Universidade Presidente Antônio Carlos campus Bom Despacho. Também leciona na Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas de Divinópolis, Minas Gerais. É Membro do Laboratório de Psicologia e Educação Helena Antipoff (LAPeD) da Faculdade de Educação da UFMG. Contato: eustaquiojunior@gmail.com

Sérgio Dias Cirino é Doutor em Psicologia Experimental pela Universidade de São Paulo, docente e pesquisador da Faculdade de Educação da UFMG. Membro do Laboratório de Psicologia e Educação Helena Antipoff. Contato: sergiocirino99@yahoo.com

Maria de Fátima Cardoso Gomes é Doutora em Educação pela UFMG e docente da Faculdade de Educação da UFMG. Pesquisadora do Laboratório de Psicologia e Educação Helena Antipoff e do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Faculdade de Educação da UFMG. Contato: mafacg@gmail.com

Data de recebimento: 16/12/2009

Data de aceite: 30/02/2010

Memorandum 18, abril/2010
Belo Horizonte: UFMG; Ribeirão Preto: USP
ISSN 1676-1669

<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a18/socigo01.pdf>